



Crônica quase Concreta

Ignácio de Loyola Brandão

Escritor e jornalista. Dirige a revista Vouge e escreve
em O Estado de São Paulo



O sol, penetrando por minúscula e estratégica abertura do teto, indicia direto sobre o diamante, de tal modo que o raio refletido vinha cegante aos nossos olhos. Tínhamos que fechá-los, ou tentar modificar a posição das poltronas. Mas estas pareciam coladas ao chão, num lugar determinado, de tal modo que os ocupantes recebessem o impacto da luz. Diante de nós, o homem gordo e suarento, num terno branco impecável, mãos cheias de anéis, exibia o seu poder e riqueza. Tem gente que tenta ofuscar e oprimir pela ostentação excessiva; aquele homem, conhecido madeireiro, além de outros negócios não bem explicados, tinha encontrado a sua fantasia. Procurava abalar e se afirmar através da luz. Não uma simples luz solar filtrada por vidro comum, e sim pela reflexão vinda de um diamante de alto quilate, preso à orelha. Quando recebia em sua casa de Belém do Pará, um dos primeiros momentos de conversação era naquela sala mergulhada na penumbra. E numa hora precisa, pois a sala estava preparada. A certa hora, o sol viria pelo furo, caindo no diamante, saltando aos olhos. Lenda, verdade? Nunca me esqueci desta história, contada pelo poeta Affonso Romano de Sant'Anna. Estávamos em Belém para uma série de palestras na Amazônia. Como turistas aprendizes. Bebíamos a liquidez da cidade, absorvíamos a sua lubricidade solar. Lugar avassalador; imponente, estranho, sedutor, quente, incoerente. O homem do diamante é personagem de ficção ou elemento da realidade? Mas a realidade local nos parecia ficção. Como também pareceu a Mário de Andrade, o fundador do modernismo no romance brasileiro. O que importa, quando se caminha, empapado de suor, envolvido por odores rascantes, atraído por nomes? Andando entre túneis formados por mangueiras, que são o clichê desta cidade bonita, ainda que um tanto abandonada. Tantas mangueiras, sendo algumas velhas e carcomidas, não sabemos quanto tempo ainda resistirão.

Entrar em Belém é um mistério. É o se deixar penetrar; aderir ou não, participar; o princípio é sufocante, nos falta o ar; o mal estar é orgânico, combatido por um fascínio que acaba vencendo, em pouco tempo. Há espanto. Um tremor, ao saber. Estamos às portas do Amazonas, ao redor é a selva interminável, quase infinita. E se nas grandes cidades nos sentimos esmagados pelos arranha-céus, nesta aqui percebemos a garra da natureza, o seu domínio, que não é somente físico, mas sobrenatural. Natureza que influencia as pessoas, determina atitudes, meio de vida, comportamento, loucuras e genialidades. O homem do diamante que recebe hóspedes numa espécie de trono, esperando a luz solar cúmplice, é apenas um dos milhares de mitos que, esparramados pela cidade, se juntam e se fundem aos entes mági-

cos da profundidade das florestas.

De repente, em Belém há o contato com todas aquelas coisas que durante anos fizeram parte dos livros de escola: a cidade diante da Ilha do Marajó, o rio Amazonas, a proximidade do Tocantins, o Mosqueiro. Tudo real, palpável. Ali, onde em maio de 1927 passou o pai de Macunaíma, o herói sem caráter, símbolo do brasileiro. O escritor Mário de Andrade naquele ano fez uma viagem por ele chamada de etnográfica, e colocou tudo num livro admirável e saboroso, *O Turista Aprendiz*, que de aprendiz não tem nada.

Mário, poeta e músico, fez mais do que um relato de viagens. Foi uma tentativa de se penetrar na alma, decifrar enigmas que continuaram indecifrados. Mário, sempre perplexo entre o que via e parecia real (seria?), e a imaginação, fantasia. Porque Belém convida a se abandonar, nenhum limite ao sonho. Convite permanente à invenção; nenhum bloqueio. O Amazonas é grande, gigantesco, quase igual.

Monótono? Mário é sensível, explica: "*o Amazonas prova decisivamente que a monotonia é um dos elementos mais grandiosos do sublime. É incontestável que Dante e o Amazonas são igualmente monótonos. Pra gente gozar um bocado e perceber a variedade que tem nessas monotonias do sublime carece limitar em molduras mirins a sensação*", ou seja, nesta Belém majestosa, não adianta querer a visita e os sentidos tentarem abranger tudo de vez. Não há possibilidade. Deve-se descer aos detalhes, apanhar aqui e ali, escondidos ou à vista, dissimulados, os instantes, os fragmentos, que acabarão por compor o conjunto, sempre incompleto, indefinido. Os grandes amores são assim, há uma entrega gradual que pode durar toda uma vida. Então, ao sairmos, o que ficou? Uma série de momentos, gravados indelevelmente: o alabastro e o mármore de carrara do altar-mor da Sé. Os azulejos coloniais dos casarões. A capela de São João Batista, onde estive o Padre Antônio Vieira, o dos célebres sermões; os espelhos de cristal do Teatro da Paz, cujas ruas em torno eram emborachadas, para que o barulho das rodas de ferros dos caleches e carruagens não perturbasse as representações no interior. Ah, sim, o Brasil já foi mais requintado, o dinheiro rendeu certa sofisticação. Os momentos continuam, eles serão repassados por muito tempo: como não se impressionar com as raízes à mostra do imenso apuízelro, chamado o polvo da floresta? Lá está ele nas ruínas do Engenho Murutucu. Esta mistura insensata de real e irreal, de riqueza passada que provocava apoteoses mentais, desvarios totais, mas admiráveis, fizeram os homens do fim do século construir uma igreja réplica da Basílica de São Paulo, de Roma. Também esta uma Basílica, em homenagem a Nossa Senhora



de Nazaré. O nome é familiar, claro. Toda a mística de Belém se liga a ele: Nazaré, o Círio, a festa. Haja cera para tanta vela, a luz das chamas pode iluminar uma cidade inteira nessa noite.

Belém, fundada em 1616, a 160 quilômetros da linha do Equador; considerada a mais lusitana das cidades brasileiras, mas com arquitetura basicamente italiana (dizem os folhetos históricos) foi construída num estilo neoclássico. No entanto, foi necessário um escritor como Mário de Andrade para fazer uma surpreendente constatação: "*Belém é a cidade principal da Polinésia. Mandaram vir u'a imaginação de malaios e no vão das mangueiras nasceu Belém do Pará. Engraçado é que a gente a todo momento imagina que vive no Brasil, mas é fantástica a sensação de estar no Cairo que se tem. não posso atinar porque... Mangueiras, o Cairo não possui mangueiras evaporando nas ruas... não possui o sujeito passeando com um porco do mato na correntinha... e nem aquele indivíduo que logo de manhã pisou nos meus olhos, pura comoção! Ainda um rabo de sobrecasaca abanando... dei um salto para traz e fui parar nos tempos de dantes*".

Pois estes dois sujeitos, o da casaca e o do porco, nada mais são que antecessores do nosso homem do diamante na orelha, parte da mitologia, cuja origem se perde nos desvãos sombrios da floresta divina. Belém. Ir a Belém e não ver o Goeldi que é um laboratório do Amazonas? Cientistas tentando explicar racionalmente uma natureza passional. Imagino suas cabeças. Não ir ao mercado do Ver-o-Peso? Não visitar as ilhas?

As praias com nomes atraentes: Chapéu

Virado, a Areião, Mosqueiro, Farol, Murubira, do Bispo. Rios, Igarapés, água doce, areia fina, sugerem os folhetos. Não comer as comidas? Não parar nas ruas e saborear o tacacá, o munguzá? Vamos outra vez ao aprendiz de turista. Aprendiz de feiticeiro. No meio do delírio de cores, Mário descobre: "*sentada no chão, era uma blusa branca numa preta preta levantando pra nós os dentes, os olhos e as angélicas da trunfa, tudo branco, oferecia com o braço estendido preto uma cuia envernizada preta donde saía a fumaça branquinha do munguzá branco...*". Pura poesia no contraponto de cores, na reiteração que só um poeta pode perceber diante de uma simples vendedora de comida na rua. Belém exige isto. Rédeas soltas à poesia que está dentro de você, imaginação febril, fantasias. Não olhe com olhos normais, saia deste mundo real. Não fiquemos no celebríssimo pato com tucupi, lugar-comum da cozinha paraense, mais falado que os *canards* do *Tour d'Argent* em Paris. Atentos a esta descrição pormenorizada e cifrada de um simples almoço, em maio de 1927, sentimos nela o sabor e cheiro de comidas "exóticas", numa banha de sofisticação: "*no palácio do presidente se come camarim com molho de tucupi. A carne de tracajá dissolve os protocolos e quando a sapolilha engrossa na língua da gente o seu gosto aboritonado a gente chega a esquecer as mil virtudes da saudade e não deseja mais nada: fica vesgo pra dobrar a felicidade*".

Santa Maria de Belém do Grão-Pará. Local de todos os mitos, onde as lendas se encontram, as histórias se cruzam, se vive dentro de uma neblina que

nos faz flutuar; numa viagem cheia de calor entre céu e a terra, sonolência e excitação. Andamos embalados pelo canto das águas, pelos eflúvios da floresta. A suor, aquecidos, a transpirar desejos, expressos em cada gotícula que emana de nossos poros abertos, estimulados nos limites da tensão. E queremos misturar nossa pele a outras, na emoção do sensual, no prazer de um erótico que está em suspenso e acaba grudado em nós, penetrando na corrente nervosa.

Este calor que amortece e ao mesmo tempo nos alerta para certas sensações. Na dormência, temos sonhos e vontades de toque e carícia, abraço e troca. Variedade infinita de calores que encantou e tocou fundo em Mário de Andrade: *"batia um calor fresquinho do furo. Ontem, depois da chuva, bateu um calor tão frio que as mulheres daqui se cobriam. E dizem que lá dentro, quando estivermos de fato no coração do imenso rio, tem madrugadas tão úmidas que a gente chega a tritar de calor"*. Os paradoxos se tornam imagens literárias, mas são sensações humanas, incoerentes, os seres abismados diante dos mistérios da natureza, de que Belém é tão repleta. Os que tudo sabem, nada sabem. A cidade se abre e se esconde, se oferece e se encolhe. Chama, provoca, se retrai, lasciva, suada, molhada, libidinosa. Jogo de sedução feminina, amoral e casta, ente sobrenatural

Mário de Andrade na Amazônia



saído da floresta, da qual recebe sopro de vida, ensinamentos e a irrealidade absurda e fascinante do mitológico.

Mulher em chamas, cheia de cheiros. O do trevo cumaru, do breu branco, da baunilha da raiz do pau-rosa, da pripioca. E, acenando quem consegue resistir? Com a fonte da juventude, a um simples banho com sabonete de banha de tartaruga.

Belém de esperanças, e ilusões, credices, fé, ironia. Paraíso das ervas e raízes medicinais. Curam doenças físicas, tratam do estômago, nó nas tripas, cálculos na vesícula, males do fígado, sangue cortado, bexiga inchada, espinhela caída, cansaço, pressão baixa. Ervas que enxotam a depressão, o mau-olhado, atraem o amor, punem traições, atíçam desejos, afastam cobiças, aumentam percepções. São defumadores, alcoóis preparados. Amuletos verduras, contadores, perfumes caseiros, toda a sorte de possibilidades para viver em paz, cumprindo a sina na terra, em acordo com divindades desconhecidas, as quais se agrada, se acaricia, se manipula, se manobra. No mercado Ver-o-Peso é pesado o lobby para amaciar divindades e obter favores.

Ao penetrar em Santa Maria de Belém do Grão-Pará e dali partir para o Amazonas, onde *"tudo é tamanho que não se pode ver"*, e na cidade, como fez Mário, *"emprestar um tapera que nos guiasse através da foz traiçoeira do Amazonas"*. E depois de tudo ver, e nada ver, procurando, compreender, sem conseguir, o que se viveu, exclamar: *"adoro voluptuosamente a natureza, gozo demais, porém, quando vou descrever, ela não me interessa mais. Tem qualquer coisa de sexual o meu prazer das vistas e não sei como dizer"*. Todavia, talvez baste sentir, deixar que o toque nos arrepie, e se comover diante de Belém.